

Soja avança em novas áreas

As lavouras de soja foram as grandes responsáveis pela mudança no antigo cenário do cerrado do Norte e Nordeste brasileiro, que hoje conta com um vasto campo verdejante de soja. A produção do grão no chamado Corredor de Exportação Norte, do qual fazem parte o Maranhão, o Piauí, o Tocantins e o Pará, cresce 20% ao ano.

A área de soja estimada para essa região, na safra 2002/2003 é de 500 mil hectares de soja, o que representa menos de 10% do potencial de área cultivada na região. As estimativas indicam produção de 1 milhão de toneladas, de acordo com o pesquisador Dirceu Klepker, da Embrapa Soja.

Na década de 80, o crescimento da região chamou a atenção de produtores do Sul do País e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), que desenvolveu as primeiras tecnologias



Área plantada com soja no Norte do país cresce 20% ao ano

específicas e adaptáveis à região. Em 1986, a partir da estruturação do programa de melhoramento genético, a Embrapa desenvolveu 24 cultivares com características específicas para regiões de baixas latitudes, que ficam

próximas à linha do Equador.

Além de novas cultivares adaptadas à região, a Embrapa tem linhas de pesquisa para correção de fertilidade de solo e para identificação e controle de doenças da soja. "A correção do solo com calcário e a

aplicação de fósforo, potássio e de micronutrientes são algumas tecnologias que garantem boa produtividade", explica o pesquisador Maurício Meyer, da Embrapa Soja.

A expansão da soja é reflexo do espírito empreendedor de produtores do Norte e Nordeste e de agricultores do Sul do País que se estabeleceram nessa região. Para dinamizar a pesquisa na região foi criada a Fundação de Apoio à Pesquisa do Corredor de Exportação Norte (Fapcen), parceira da Embrapa no desenvolvimento de cultivares de soja para a região, desde 1997.

Balsas é uma das cidades pólo do Maranhão, responsável por impulsionar o desenvolvimento agrícola no estado. A soja movimenta um setor da economia maranhense que antigamente não era explorado na região. Hoje os 250 mil hectares cultivados com soja, geram, em média, 40 sacas por hectare. "Além disso, a receita tributária é

de cerca R100,00 por hectare, renda gerada pela soja que retorna ao município e ao estado", avalia Klepker.

Segundo ele, a receita poderia ser ainda maior, caso o grão não fosse totalmente destinado à exportação. "No Mato Grosso, por exemplo, a industrialização da soja usada na ração animal e na produção de óleo, está alavancando ainda mais a economia do estado", avalia.

Além da soja estar presente no campo, o grão tem colaborado com a melhoria da nutrição da população, porque panificadoras estão começando a usar a soja na fabricação de pães e de outros derivados da soja. "Além disso, projetos de assistência social também estão usando a soja como ingrediente para a fabricação do "leite de soja", o que pode melhorar a alimentação da população carente dessa região", diz o pesquisador Maurício Meyer.

Para a Bahia, a Embrapa e a Fundação Bahia desenvolveram a **BRS Barreiras** que, na safra passa, apresentou desempenho excelente. Além de ser resistente a doenças importantes como o cancro da haste e a mancha olho de rã, a cultivar baiana teve produtividade de 3455 kg/h nos testes de campo, o que representa 10% acima das cultivares mais plantadas e produtivas da região.



Romeu Kiihl é um dos 60 pesquisadores da Embrapa que trabalham no desenvolvimento de soja.

boa resistência ao acamamento e aos nematóides de galha *Meloidogyne javanica* e *Meloidogyne incognita*, sério problema à sojicultura brasileira. A cultivar BRS Raimunda é resultado de um trabalho conjunto de pesquisa entre a Embrapa Cerrados e Embrapa Soja, com suporte financeiro da Fundação Cerrados.

Além disso, a Embrapa tem cultivares especialmente adaptadas ao Pará. As cultivares **BRS Babaçu**, **BRS Sambaíba** e **BRS Tracajá** apresentam rendimento 10% superior às outras duas cultivares disponíveis para a região. Outra característica importante das novas cultivares é a resistência ao cancro da haste.

A primeira cultivar precoce e resistente ao nematóide de cisto para a região Central do Brasil (MG, SP, GO e DF), a **BRSMG Preciosa**, está sendo plantada pela primeira vez nesta safra agrícola. Em Minas Gerais, o nematóide de cisto atinge 70% das áreas que cultivam soja, o que traz sérios prejuízos econômicos aos sojicultores. As cultivares precoces são bastante procuradas na região, por causa do interesse do produtor em fazer safrinha de milho, como segunda cultura de verão. Entre todas as suas características, destaca-se ainda o seu alto rendimento, 5% superior às de mesmo ciclo.

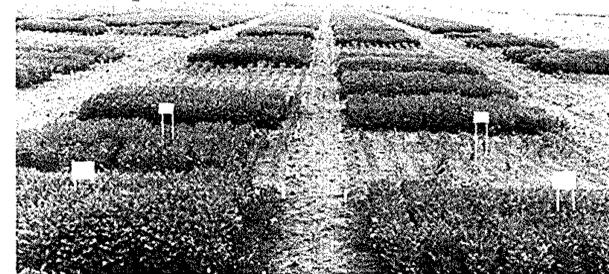
Também está no mercado, a cultivar **BRSMG Robusta** que é

resistente ao nematóide de cisto, porém de ciclo semitardio. Ela apresenta níveis de produtividade semelhantes às cultivares de mesmo ciclo, como a Conquista. Indicada para a Região Central do Brasil (MG, MS, SP, GO, DF, BA e MT), possui boa resistência às principais doenças da soja. Os novos materiais foram produzidos, em parceria, pela Embrapa, Epamig e Fundação Triângulo.

Excelente opção para Goiás e para o Distrito Federal é a cultivar **BRS Chapadões** que é resistente às raças 1, 3, 4 e 14 do nematóide de cisto e a **BRS Ipameri**, resistente à raça 3 do nematóide de cisto. Desenvolvidas pela Embrapa

Soja, em parceria com a Agenciarrural e o Centro Tecnológico para Pesquisas Agropecuárias (CTPA), a **BRS Chapadões**, a **BRS Ipameri**, a **BRSGO Caiapônia**, **BRS** e a **BRSGO Mineiros** apresentam rendimento médio por volta de 3 mil kilos por hectare, sendo mais produtivas que as cultivares com que foram comparadas em testes. Além disso, são resistentes ao acamamento, ao cancro da haste e à mancha "olho-de-rã".

Outra alternativa para TO, DF, MT, GO, MG e BA é a **BRS Raimunda** que possui rendimentos de 3573kg/ha, sendo superior às cultivares com que foi comparada. Além disso, apresenta grande estabilidade e



Campo experimental da Embrapa Soja em Balsas (MA)

Novas áreas

Localizado às margens da rodovia Belém-Brasília, o pólo de Paragominas, a 300 Km de Belém, conta com 5 milhões de hectares, usados para pastagens e exploração madeireira. Há apenas cinco anos, a soja foi introduzida no estado, no sistema de rotação de culturas com o milho e o arroz, mas já faz sucesso entre os produtores.

Embora a produção ainda seja insignificante, essa região apresenta potencial de expansão, tanto que a área cultivada com soja pode crescer em 50% na safra atual. "O custo de abertura e manutenção de lavouras é alto, equivalendo a cerca de R\$700,00 por hectare. No entanto, os produtores podem cultivar soja em áreas de pastagens degradadas e infestadas por plantas daninhas, o que totaliza 1 milhão de hectares", diz o pesquisador Jamil El-Husny, da Embrapa Amazônia Oriental.

Segundo ele, hoje, os produtores de Paragominas conseguem um rendimento de 50 sacas (cerca de 3 mil Kg/ha), que é a produtividade média dos maiores produtores brasileiros. "Apesar da área no Pará ser pouco expressiva, quando comparada aos 3,4 milhões de hectares de soja cultivadas no Mato Grosso, o estado tem potencial de desenvolvimento

aproximadamente 8% ao ano", diz Walter Horita, presidente da Fundação Bahia

A incorporação da área de Cerrado para utilização em agricultura comercial deu novo impulso à economia da região. "Nos últimos 20 anos, a ampliação das fronteiras no campo refletiu também na cidade, tanto que o número de habitantes em Barreiras saltou de 35 mil para 100 mil habitantes", explica Horita.

Vizinho do Mato Grosso, maior produtor brasileiro, o Tocantins é um estado que também experimenta os benefícios econômicos da soja, tanto que, na última safra, o crescimento da área foi de 20%. A área plantada saltou de 105 mil para 131 mil hectares e a produção subiu de 265 mil para 315 mil toneladas de soja.

Apesar do surgimento de várias novas áreas com cultivo de soja no Brasil, nenhuma supera o potencial de expansão do Mato Grosso. Há cinco anos, o estado cultivava apenas 1,9 milhão de hectares e hoje a previsão é de 4,3 milhões de hectares. "Daqui a cinco anos estima-se que a soja ocupe 10 milhões de hectares no estado. Isso se as condições continuarem favoráveis como, preços elevados e abertura de vias de escoamento da produção", avalia o pesquisador José Francisco Ferraz de Toledo.



Horita transfere tecnologias para produtores da Bahia